

TRIBUNA Livre

24
AGOSTO
1963

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

FRENTE INTERNA

Pede-se a unidade da frente interna para que o País possa vencer o momento grave que atravessa. Em verdade nenhum português de lei pode hesitar na resposta, alheio mesmo ao seu credo, porque está em causa a integridade da Pátria.

Nós gostaríamos até que a adesão de todos fôsse entusiástica, de tal modo vivemos com intensidade o nosso problema ultramarino. Entendemos, porém, que o entusiasmo é fruto de um estado especial de alma, é filho mais do coração do que da inteligência, brota implícito, natural, espontâneo. Para haver entusiasmo é preciso haver causa, depois vem o efeito.

Portanto, para se verificar a adesão entusiástica que preconizamos, entendemos que além do apelo é preciso que se encontre eco no coração. Para se atingir esta meta é preciso um esforço grande, em que os que man-

dam têm de tudo fazer para que, mais do que nunca, se não gerem descontentamentos.

Assim o entendeu o Snr. Ministro da Economia ao dar o seu conhecido despacho sobre o caso das conservas,

Continua na 4.ª página

Amares em Lisboa

A representação de Amares em Lisboa à grande manifestação a Salazar, promete ser condigna. Já estão assegurados transportes e mais de uma centena de pessoas, pois este era o principal problema, em virtude de todos os meios de comunicação estavam tomados por este enorme e autêntico movimento Nacional.

O preço da técnica lunar

Mais de uma vez temos afirmado que o Homem, no futuro, deixa de o ser para se tornar numa unidade, apenas. É a técnica que assim o exige. Este poderoso fantasma que vai engolir no seu privilegiado estômago todo o Espírito das novas gerações, votamo-lo ao ostracismo, não por estarmos arreigados às obsoletas concepções idealistas da existência, mas na previsão infeliz do futuro técnico.

Ainda agora os políticos conseguiram—dizem eles—um histórico e retumbante acordo sobre as experiências nucleares. Esquecem-se, porém, de que há outro acordo a assinar tão preciso e tão consequente, na hora terrível que o mundo atravessa.

A América e a Rússia, empenhadas numa onda de prestígio científico pensam em mandar à Lua um homem. Se toda a gama de experiências já produziu os principais frutos, como se infere das informações colhidas através dos vários sa-

télites que conseguiram obter um altíssimo e melhor conhecimento do Universo e foi, sem dúvida, um dos maiores feitos científicos desde que o mundo é mundo, por que não se acorda em deixar de correr para a Lua e a par e passo a vir a conquistar?

Ora, afigura-se-nos que, devagar, se irão adquirindo ainda mais dados científicos que amanhã poderão trazer à Humanidade uma excelente melhoria.

O orçamento para levar um homem à Lua (sonho de

Continua na 4.ª página

Campanha pró-fardamento

Continuam a chegar em ritmo sempre crescente à nossa redacção, donativos dos amigos da n/ Banda associando-se assim à Campanha Pró-fardamento.

Brevemente daremos à publicidade o nome e quantia de

Manifestação de apoio ao CHEFE DO GOVERNO

A iniciativa da Câmara Municipal de Coimbra de promover uma manifestação nacional de apoio ao Chefe do Governo e à política ultramarina definida no discurso que proferiu ultimamente, encontrou no nosso concelho entusiástico acolhimento.

No Município, reuniram, na passada quinta-feira, os presidentes das Juntas de Freguesia, Regedores e dirigentes dos organismos corporativos, tendo ficado resolvido que o concelho se fará representar condignamente na referida manifestação.

Do concelho têm sido enviados inúmeros telegramas adesão e incitamento à louvável iniciativa esperando-se que sejam numerosas as pessoas a deslocar-se à capital no dia 27 do corrente.

FALECEU O SR.

Arcebispo Primaz de Braga

Ao fim da tarde da passada segunda-feira, faleceu no Paço Arquiepiscopal o Sr. D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz da Arquidiocese há 31 anos.

A sua morte causou a maior consternação e profunda dor, dado que todos conheciam os seus dotes excepcionais de bondade e a obra imperecível que deixa na Arquidiocese, em que o seu nome fica a par do dos maiores Prelados, alguns dos quais com honroso assento na nossa história, nas letras, nas artes, e em inúmeros ramos da cultura.

Tendo adoecido gravemente, há semanas, o seu estado

inspirava sérios cuidados, maiores ainda devido à sua avançada idade. Nesse tempo de crise sempre foi assistido pelos srs. D. Francisco Maria da Silva, bispo auxiliar da Arquidiocese e cônego Dr. José Martins Gonçalves, presidente do Cabido, que também assistiram aos seus últimos momentos, sendo-lhe dada a benção apostólica com indulgência plenária «in articulo mortis».

Na passada quarta-feira o seu corpo foi trasladado para a Catedral e na quinta-feira realizou-se o funeral para o cemitério do Monte de Arcos.

Formado em Direito Canónico e Licenciado em Teologia, em Roma, foi professor do Seminário de Braga, procurador geral da Mitra, secretário do Prelado, cônego da Sé Primacial, Bispo de Bragança e Miranda, e Arcebispo de Braga desde 1932. Sua Santidade Pio XII elevou-o à dignidade de Assistente ao Solo Pontifício.

Administrou a Arquidiocese com superior visão, revelando-se um realizador notável, pelo que deixa neste aspecto uma obra que difi-

Continua na 5.ª página

(Continua na 5.ª página)

AMARES com SALAZAR

Em sessão extraordinária de 19 do corrente deliberou a Câmara de Amares, associar-se à Manifestação Nacional a Salazar, dando a sua adesão à iniciativa da Câmara Municipal de Coimbra.

É o seguinte o teor da deliberação:

HOMENAGEM NACIONAL A SUA EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO:—O senhor Presidente apresentou a proposta: «Toda a Nação ouviu, com a maior atenção e devoção, a patriótica declaração de Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, acerca da política ultramarina portuguesa, que o Governo tem defendido. Por ela se viu, mais uma vez a ideia firme do Senhor Professor Doutor Oliveira Sa-

lazar, de defender, intransigentemente, até aos limites das nossas forças, os nossos territórios do ultramar. — O Concelho de Amares — A terra de D. Gualdim Pais — que vê na figura do Senhor Presidente do Conselho, a imagem da dedicação, do sacrifício e do amor pátrio, demonstrados numa vida inteira ao serviço da Nação, ASSOCIA-SE à justíssima manifestação nacional que a Câmara Municipal de Coimbra, em boa hora lembrou a todos os portugueses, testemunhando, desde já, ao Ilustre Estadista, o grande reconhecimento que lhe é devido». A Câmara Municipal deliberou aprovar, por unanimidade, a proposta do senhor Presidente da Câmara.

(Continua na 3.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA



Doença de Newcastle

Embora sejam múltiplas as doenças que atacam os galináceos, é, sem dúvida, a Pseudo-Peste, também chamada Doença de Newcastle, aquela que maior mortalidade causa nos efectivos avícolas nacionais.

Pode dizer-se que não há aldeia, vila e cidade, onde não se tenha ouvido, em dado momento, a exclamação «morreram-me repentinamente todas as galinhas», a qual traduz, em geral, o resultado do aparecimento da Pseudo-Peste.

Causada por um vírus, ataca patos e perús, mas é sobretudo, nos galináceos, que atinge maior gravidade.

Não escolhe idade, nem lugar, nem tempo. Quer dizer, ataca pintos, frangos, e aves adultas, de norte a sul do país, e em qualquer época do ano.

Aparece repentinamente num bando, começando as aves por apresentar variados sintomas, entre os quais se destacam os seguintes: dificuldades respiratórias (estendem o pescoço e

abrem o bico), paralisia, diarreia amarela-esverdeada. Em geral começam a morrer ao 2º dia após o aparecimento da doença, podendo esta dizimar todo o bando.

Aparece e transmite-se através de variados meios, tais como mosquitos, ratos, utensílios que estiveram em contacto com animais infectados pela doença (cestos, sacas de rações, etc.) mas, o mais frequente, é a introdução no bando de aves já doentes, compradas no exterior (mercados, vizinhança, etc.).

Não tem tratamento, pelo que o único meio de a combater é a vacinação preventiva.

Eliminar os ratos, evitar tanto quanto possível a entrada no aviário de pessoas estranhas, sacos, cestos e outros utensílios provenientes de outras explorações avícolas, não introduzir aves sem prévia quarentena ou reconhecidamente sãs, e, finalmente, vacinar oportunamente, eis as principais

(Continuação da 6.ª página)

ele poderia adquirir o artigo. Já esta preferência em *igualdade de circunstâncias* merecia registo e agradecimento.

O armazenista em referência tentou logo dar conhecimento a quem de direito de semelhante probabilidade. Porém, porque a intervir no caso as burocracias criadas são diversas e nem todas seria possível interessar de igual forma e com a urgência requerida, conseguiu de pessoa amiga a possibilidade de contactar com a própria «cabeça». Assim foi, mas fê-lo falando.

—Escreva isso e traga ou mande — aconselharam-no.

Escreveu, chegando quase ao pormenor, e foi levar. Todavia, passaram dez dias e a solução não vinha. Voltou, portanto, em demonstração de boa-vontade.

—O caso foi entregue ali; depois terá de ir *acolá*, a fim de ser informado.

Como a pressa se impunha, sob pena das penas, procurou a Corporação da Lavoura que imediatamente se interessou e quase garantiu solucionar o caso favoravelmente.

A cautela, contudo, ainda o caso foi posto ao chefe do distrito, pessoa dinâmica e conhecedora da premência que aflige a nossa agricultura. Lá a ânsia de dar uma solução positiva ao assunto foi «palpável».

Em suma: em todos os sítios onde foi indicado acorrer-se e se foi se topou com a melhor boa-vontade. Simplesmente, as tais burocracias ou *empatocracias* ou *desviocracias* é que não se compadeceram nem compadecem com coisa alguma, «nem à mão de Deus Padre», como diria a gente rude e já desconfiada da nossa terra!

Analisemos agora a questão por outro prisma.

Seria inoportuno para o nosso Fundo de Abastecimento ou para o Fundo de Fomento Exportação o pagamento da tal diferença resultante do *dumping*? Não era. Quando se fez a proposta a indemnização consubstanciava-se em \$30 por quilo ou

medidas preventivas que nenhum avicultor deve esquecer.

Ter sempre presente que, em matéria sanitária, vale mais prevenir do que curar e, neste caso, com mais razões, visto que a doença não tem tratamento.

fossem mil e quinhentos contos na totalidade. Mas aquela importância poderia reduzir-se em quinhentos e cinquenta contos se fosse permitido ao exportador acondicionar a batata em sacos usados, *mas em ótimo estado*, melhores do que os novos razoáveis nacionais que custa cada um \$550 a mais que aqueles e incomparavelmente superiores a uns outros que a Junta Nacional das Frutas tolera, mas que pela sua textura deveriam ser reprovadíssimos e ainda assim são mais caros \$350. Em parêntesis se refere que cada saco em segunda mão *mas em estado de novo pesa oitocentos e cinquenta gramas*, enquanto que os últimos, de fabrico nacional, mal chegam ao quarto de quilo.

Se fossem consideradas todas as circunstâncias propiciatórias, sem esquecer principalmente estas:

1.ª—Começo de desanuiamento da «escuridão» que entenebrece as almas simples e angustiadas dos lavradores, ante a certeza—já não perspectiva—de que as nossas batatas irão descer até «às ruas da amargura».

2.ª—Vantagem para o comércio de divisas estrangeiras, visto dessa operação nos resultarem algumas cambiais—*dólar*.

3.ª—Encorajamento e confiança à ruralidade e não seriam os novecentos e cinquenta ou os mil e quinhentos contos que pesariam na solução positiva do caso.

Quanto se deu para compensar o diferencial precário na importação que há meses se fez de batata de consumo dos Estados Unidos e do Canadá? Essa, sim; foi uma operação ruim.

nosa por ter sido realizada atabalhoada e inconscientemente, para não a classificarmos com outros termos.

* * *

Fazemos votos para que quando estas mal «*adenotadas* regras» chegarem ao conhecimento dos leitores, *alguém* haja reconsiderado e se tenha libertado das *mafiensas* burocracias que também se designam por *empatocracias* e a que nós chamamos, supomos que com toda a propriedade, *desviocracias*, pois tais e arrelentas coisas só prestam aos desejosos do *quanto pior melhor*.

O momento que vivemos mais que recomenda, impõe discernimento certo mas rápido, até mesmo soluções telefónicas.

Transcrito do Jornal
«O Comércio do Porto»

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	50\$00
Semestre	25\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

Tenha a seu lado uma verdadeira companheira!

«JORNAL FEMININO»

DA MULHER PARA A MULHER

É a companheira, mais amiga, mais completa, porque lhe dá bons conselhos e porque a distrai.

Moda, Cinema, Beleza, Culinária, Bordados, Crochet, Tricot, Consultas, Horóscopo, Romance.

Envie a foto de seu bebé para a redacção de:
«JORNAL FEMININO», Rua D. João IV, 904 PORTO

Faça acompanhar essa fotografia de dez selos de 1\$00 e verá o seu bebé na Galeria Infantil desta revista.

JORNAL FEMININO, uma revista feminina que os homens gostam de ler.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Escrevo-vos em 20-8-63. Como o meu propósito é, tanto quanto possível, tratar de assuntos úteis, vou falar-vos hoje de antepassados ilustres cuja vida é exemplar para mim e para vós.

Bernardo de Claraval
Faz hoje oitocentos e dez anos que este francês ilustre morreu.

Nasceu em Fontaines, perto de Dijon, na França, filho de Tescelino e de Alex, ricos e virtuosos cristãos.

Era o terceiro dos sete filhos da família. Foi educado no amor e temor de Deus e colocado nos estudos logo que a idade lho permitiu.

Como estudante revelou grande inteligência e zelo na prática das virtudes cristãs. Tendo concluído os estudos aos 19 anos de idade, voltou para a casa dos pais. Tendo-lhe falecido a mãe resolveu entrar na ordem religiosa, mais áustera daquele tempo, levando consigo trinta jovens de famílias nobres, alguns já cavaleiros, entre os quais iam quatro dos seus irmãos.

Os cinco irmãos foram despedir-se e pedir a bênção ao pai, que, detalhado em lágrimas, os abençoou, consentindo de boa vontade na sua partida. Ao sair, o mais velho, Guido, disse a Nivard, o mais novo: — Terás todos os nossos bens e todas as nossas terras... — Ao que o jovem respondeu: — Quer dizer que vós tomais para vós o céu e deixais-me a terra! — Não aceito essa partilha! — Bernardo tinha então 23 anos. Este, em 1115, foi com doze religiosos, fundar outro convento no Vale de Absinto, um deserto da diocese de Leangres, que depois se chamou Vale Claro ou Claraval, por causa do brilho das virtudes de Bernardo e de seus companheiros. Esse brilho foi tal que o Papa, muitos bispos, reis e príncipes foram visitá-los para ouvir os seus conselhos!

Bernardo foi um dos maiores pregadores de todos os séculos e o maior do seu tempo. Compôs muitas devoções entre reis e príncipes; e com a enorme autoridade que lhe dava a sua Santidade reconhecida, destruiu cismas religiosos e prestou relevantes serviços à Igreja Católica. Bernardo pregava todos os dias. Antes de morrer propôs à imitação dos seus súbditos religiosos três pontos que ele diz ter-se esforçado por cumprir sempre: — Fiar-se sempre mais no sentir dos outros que no próprio; nunca procurar vangloriar-se de ninguém; fazer tanto quanto pôde por não escandalizar ninguém.

Oxalá todos os homens fossem assim!

Declaração de Salazar

Sempre admirei este grande Português e a minha admiração vai aumentando sempre que ele fala a Portugal e ao mundo. Conciso e claro nos seus raciocínios é de uma delicadeza admirável quando se refere aos inimigos e aos ingratos, e são eles tantos!.. No que respeita à atitude do governo do Brasil no Conselho de Segurança, consentindo ou mandando o seu delegado votar contra Portugal, o silêncio de Salazar tem um significado que poucos terão atingido suficientemente. Parece que alguns Brasileiros autênticos já atingiram esse significativo silêncio e vão tirando dele as devidas conclusões. Muito bem! Temos de dar muitas graças a Deus por nos ter dado um homem tão hábil e tão prudente nesta crise gravíssima que atravessa a nossa História.

Capela de Santa Marta

Há tempos, nasceu a transferência da Capela de Santa Marta para Junto da estrada. Algumas pessoas sugeriram que a capela velha é demasiado pequena e seria preferível construir uma capela nova maior. Consultaram-se as entidades responsáveis e concluiu-se que pode vender-se a capela velha, com a devida licença do Senhor arcebispo de Braga. Previne-se que se vende a capela com o terreno que ocupa, mas não se vendem as imagens.

Quem pretender dirija-se ao Pároco de Lago, Amares. A referida capela foi construída no século 18, conforme o estilo do tempo.

Ideias erradas

Nesta terra há pessoas que falam não sabendo o que dizem e dizem tolices, como é natural. Ora o bom senso manda que falemos do que sabemos e sem prejudicar ninguém...

Há pouco alguém dizia que a festa do S. da Saúde foi mudada para o 1.º Domingo por conveniência de um só indivíduo. Já vos provei que isso era falso. Agora diz que foi por causa de uma promessa e de terceira pessoa no plural. Ora desta vez também mentiu, porque nessas hipóteses a mudança seria só para este ano de 1963...

Nem o pároco sabia da situação da tal «terceira pes-

De Férias

Encontra-se entre nós de visita à família e gozar umas bem merecidas férias, o Sr. Domingos Antunes de Almeida e sua esposa D. Natália Neves de Almeida e seus filhos.

Estes nossos amigos que em terras do Ultramar labutam pela vida para o engrandecimento de Portugal, são bem dignos destas férias e que sejam gozadas na maior felicidade são os nossos votos.

Campanha pró-fardamento

Continuação da 1.ª página

dente da Câmara de Amares.

*Presado Amigo
Senhor Carlos Malheiro.*

Recebi o seu estimado favor de 8 de Junho último tratando do apêlo da Banda dos Bombeiros V. de Amares, objecto da minha particular atenção, com o fim de conseguir fundos para a renovação do fardamento dos componentes daquela gloriosa banda.

Estamos realmente atravessando uma fase assaz difícil em matéria cambial, mas não posso deixar de atender à solicitação do meu caro amigo, efectuando a remessa de 2.800 escudos, o máximo permíssivel, que pode ser considerado regular quantia em cruzeiros consequente à grande desvalorização desta moeda.

Augurando-lhe pleno sucesso no objectivo em vista, para completa satisfação de todos nós, aproveito este ensejo para enviar ao prezado amigo um grande abraço e muito cordiais saudações para a nossa querida Banda.

Do amigo atº e venr.

António M. Veloso

Optimo alimento para os animais

Grainha de Uva limpa e Sêca

Vende-se em conta, pequenas ou grandes quantidades, pode ser entregue ao domicílio.

Telefonar para o n.º 36104

soa». A história do «Compasso» não merece resposta porque tudo foi explicado. Se o interessado deseja preparar-se para receber a visita pascal, o tal «compasso»... poderá dirigir-se ao seu Pároco e ele lhe mostrará os livros com as leis respectivas.

É tudo por hoje.

Vosso J. Moreira

CAIRES

Mordomos para a Festa de S. Pedro Fins para o ano de 1965

COMISSÃO

Juiz — Rui Manuel Arantes Rodrigues, Feira Nova; Presidente — Alberto José Fernandes, Sobrado; Secretário — Delfim Lage da Silva, Monte de Cima; Tesoureiro — António José da Rocha, Freixeiro.

VOGAIS — Virgílio Abreu da Silva, Freixeiro; Arlindo Macedo Rodrigues, Freixeiro; Alberto António Rodrigues, Freixeiro; Adão Ferreira, Novo; Joaquim Pinheiro Duarte, Paço; Adelino Abreu da Silva, Freixeiro; António Ferreira, Rios; Amâncio Avelino da Conceição, Paço; José Ferreira, Paço; Augusto José Rodrigues, S. Vicente; Adelino Cunha, Outeiro; Manuel Figueiredo Machado, Penas; Bernardo António Antunes de Almeida, Sobrado; Remigio Abílio Machado, Sobrado; José Baptista da Silva, Paço; Secundino Fernandes, Penas; Fernando Alves, Cal; Abílio da Silva, Monte de Cima; José de Sá Barros Coelho, Soutelo; Custódio Machado Almeida, Roupeiro.

MORDOMAS — Olívia Fernandes Carvalhosa, Lugar Novo; Adélia de Jesus Almeida Vieira, Paço; Alcina Almeida Coelho, Paço; Angelina Pereira, Freixeiro; Maria do Sameiro Antunes

Vieira, Sobrado; Glória Antunes Gonçalves, Sobrado; Lucinda da Costa Brandão, Pousadas; Maria da Graça Dias, Igreja; Adelina Fernandes Sepulveda, Freixeiro; Delfina Faria, Sobrado; Emília do Sameiro Lage, Freixeiro; Emília da Silva Fernandes, S. Vicente; Maria Faria da Silva, Igreja; Alice de Jesus Pinheiro, Outeiro; Carminda Vieira, Geira; Rosa Gonçalves Duarte, Geira; Gracinda Fernandes, Monte de Cima; Rosa Pereira de Sousa, Monte de Cima; Maria Pinta, Outeiro; Olívia Gonçalves, Sobrado.

HUMORISMO

Anekdotes

Conversando

— O senhor vem pedir a mão de minha filha? Mas diga-me: o senhor sabe cozinhar, lavar e coser?

— Qual a razão dessas perguntas?

— Porque a minha filha não sabe!...

Visado pela Censura



Quando os olhos chispam lume

Basta às vezes nuns olhos cintilar
Uma faísca só d'eles nascida,
Para no mesmo instante se mudar
O curso todo de serena vida!

Como a água nascente, mas retida
Num cristalino lago a ondear,
Eu tinha n'alma a paz apeteçada,
Com a esperança de sempre a conservar

Mas depois o meu louco pensamento
Não pensou em mais nada um só momento
Senão n'aquela luz d'aquela olhar,

Tão acariciador, tão penetrante!...
Mas que brilhou apenas um instante
Pra uma saudade imensa me deixar!...

UERBA

A BRINCAR

Aos mortos o que é dos mortos

Na cidade da Beira (Moçambique) o proprietário de uma funerária, utiliza o carro de transportar os mortos, para a sua vida particular. E assim, nesse carro leva a família ao cinema, ao café, a visitar os amigos, etc.

Este procedimento tem dado origem a diversos sustos: é que vendo-se esse carro estacionado á porta de pessoas amigas fica-se a pensar quem terá ali morrido.

Deve acabar porém, este turismo em carro funebre, em virtude de na última reunião da Câmara um vereador se ter insurgido contra o facto, propondo que o proprietário da funerária, fôsse notificado de que apenas deveria utilizar o carro no transporte dos mortos.

Achamos acertada a proposta deste vereador, como achamos desacertada a conduta do cangalheiro. Que se diria, por exemplo, entre nós, se o Costinha, tivesse um desses carros e fosse nele á missa?

Meu Deus, quem terá morrido, por aqui?

Tanto para uns... Tanto pouco para outros

O Rei Saud da Arábia Saudita teria sido obrigado pelo irmão Feisal, de pistola em punho, a abandonar o país e nunca mais tratar de negócios do Estado. O Rei teria concordado, com a condição de se não falar no caso, levar o necessário e as suas oitenta e seis mulheres. Este soberano de setenta anos fez então uma operação pois sofre dos intestinos — porque lhe não lembraram a nossa Caldelas, onde se obram verdadeiros milagres — operação essa que apenas ficou por vinte e cinco milhões de dólares.

Esteve em Lousana, transferiu-se para Nice, onde alugou metade do Hotel Negresco, daqui para Paris, onde alugou todo um Hotel. Não sabemos agora onde se encontrará, mas sabe-se que nestas andanças e viajando «apenas» com doze mulheres chegou certa vez a Viena. Aqui resolveu mandar o avião buscar o resto do seu

harem, mas quando este chegou de volta faltava uma mulher... e logo a favorita. O Rei zangou-se, irritou-se, sendo dominado pela sua célebre cólera, apesar de os médicos o terem prevenido de que não deveria irritar-se porque poderia sucumbir.

Não lhe valeu encolerizar-se porque a favorita faltava mesmo e o pior é que lhe faltou também o seu fiel secretário.

E agora perguntamos nós: Quando chegará a democracia a estes reinos orientais?

O soberano com 86, apesar dos seus setenta, o secretário apenas de quarenta, sem nenhuma.

Que diabo, Rei Saud, ainda ficaste com 85, deixa lá o teu secretário — confidente Eid ben Salem levar a princesa Im Mansur.

...Que nós cá na Europa, até uma nos custa a aturar.

E a espiga?

No Entroncamento (onde haveria de ser, se não ali) existem dois pés de milho com cerca de cinco metros de altura cada um, continuando ainda a crescer. Não se sabe assim a altura que irão atingir nem a notícia nos diz se a espiga, ou espigas, também se desenvolvem proporcionalmente.

C. de L.

O preço da técnica lunar

(Continuação da 1.ª página)

competição entre russos e americanos) está computado em TRINTA E SEIS TRILHÕES DE CONTOS, verba que daria, nesta humilima opinião de um jornalista provinciano, para a Humanidade conseguir uma vida mais larga sem o chocante contraste da Miséria, e a opulência. Além disso, os novos cientistas, dentro dos muros convexos das teorias espaciais, vão-se formando na tecnologia lunar a ai temos uma geração total de cientistas que se deveria aproveitar noutras descobertas mais úteis, não só para a Ciência como para o fortalecimento material e físico das gerações vindouras.

Não! Esta negação da possibilidade de ir à Lua não é uma afirmação. Também não! É apenas uma negativa contra a pressa de lá chegar. Mesmo que tal feito se concretize daqui a cinquenta ou cem anos, o Homem chegaria a tempo, num espaço em que podia e devia cuidar de transformar a terra num brilho de luz tão intenso e tão maior como o que produz a ambicionada Lua.

Militão Porto

Os desastres de automóvel e uma sentença que devia ser posta em prática

Um prestigioso jornal desta cidade, publicou recentemente esta interessante local: «Sentença pronunciada contra um automobilista que, em Nova York, atropelou um indivíduo e lhe esmagou uma perna que foi preciso amputar: visitar a sua vítima todas as semanas e pagar-lhe 10 dólares de 7 em 7 dias.»

Ora aqui está um género de sentenças que deveria ser adoptado por todos aqueles que desempenham as altas funções de julgadores.

O advento do automóvel, ou mais propriamente do motor de explosão, veio revolucionar o mundo e trouxe consigo um turbilhão de problemas, alguns de solução muito difícil e complicada.

Das muitas fábricas de automóveis que há em diversos países, saem diariamente centenas de veículos, que se vão espalhando por esse mundo fora, tornando cada vez mais difícil o problema do trânsito nas cidades.

Se bem que muitos motorizados sejam conduzidos por pessoas cautelosas, há outros que já não têm a mesma sorte. E enorme a legião daqueles inconscientes, inteiramente dominados pela volúpia da velocidade, e que por esse país fora espalham diariamente a morte, as mutilações e com elas a dor e o luto.

Raro é o dia que a história do tráfego automobilístico não fica assinalada por desastres, que têm por epílogo as camas dos hospitais ou a cova sombria e triste dos cemitérios, entre angústias e lágrimas.

Para se aquilatar da gravidade que entre nós representa a circulação de veículos conduzidos por pessoas despidas de toda a consideração pela vida do próximo e até pelas deles própria, vamos transcrever estes elementos oficiais referentes a desastres verificados em 1955: houve 15.619 acidentes de viação, sendo 7.827 choques, 5.543 atropelamentos e 2.249 classificados como «outros acidentes». Os automóveis atropelaram 3.946 pessoas; as bicicletas 660;

as motocicletas 500 e os comboios 4 pessoas. No número de «outros acidentes» figuram 654 quedas de eléctrico e 634 quedas de bicicleta. O total de vítimas de acidentes em todo o país foi de 12.707, sendo 1.835 no Porto e 4.985 em Lisboa. Houve 520 mortos, 3211 feridos de gravidade e 8.970 feridos sem gravidade.

Estes números são altamente elucidativos e obrigam-nos a meditar profundamente.

Um automóvel, uma motocicleta, um camião, são elementos de trabalho da mais alta utilidade e não podem de forma alguma ser transformados por mãos criminosas em perigos para a colectividade.

Perante este estado de coisas, julgamos da maior simpatia e aplauso a sentença daquele juiz americano: levar o causador do desastre a visitar a sua vítima todas as semanas; obrigá-lo a acompanhar as suas dores e sofrimentos; fazê-lo sentir as necessidades e privações da família daquele que o seu desvario inutilizou, pagando-lhe o salário que receberia se a fatalidade não o tivesse atingido.

Eis, talvez, um excelente processo de diminuir o elevado número de acidentes, pois todos os condutores, para fugirem a encargos e responsabilidades, procurariam certamente, conduzir as suas viaturas de maneira a não molestar quem quer que fosse, libertando-se assim, do terrível dilema: matar ou morrer.

Por outro lado, é necessário que as cartas de condução sejam concedidas apenas a indivíduos moralmente idóneos e que tenham a noção da responsabilidade que representa a posse desse documento.

O progresso cada vez maior da ciência e da técnica, que tantos e tantos benefícios tem trazido ao homem, não pode, de forma alguma, constituir um motivo de intranquilidade e insegurança, sob pena de se iniciar uma marcha retrógrada na história da civilização.

Frente interna

(Continuação na 1.ª página)

referindo explicitamente de que o momento impõe decisões justas para que a frente interna se consolide.

É preciso que o entendam todos os que têm responsabilidades.

Mais do que nunca foi necessária compreensão e tolerância. Mais do que nunca foi necessário arredar aqueles que só querem mandar por vaidade, por caciquismo ou interesse. Estes são causa contínua de desinteligências, e muitas vezes de injustiças. Para eles o ideal não existe e, portanto, nada entendem fazer por sacrifício, mas tudo para conservarem ou aumentarem a sua hegemónia.

Assim se entende que em muitos concelhos existam desinteligências que nunca são sanadas e causam os maiores males ao Regime. É que esses profissionais da política no receio de que os valores que surgem lhes possam vir a fazer sombra tornam-se autênticos perseguidores. Daí, o lançamento para o descontentamento e oposição de alguns dos melhores valores, para cumulo os mais novos.

São tantos os exemplos que conhecemos!

O momento já não é só de Regime, é também de Nação. Impõe-se que tais elementos

sejam os primeiros a reconhecer que esta hora não é a sua e voluntariamente cedam os cargos a elemento de concórdia. Nem que quisessem agora conhecer o momento e servir como é necessário, teriam de reconhecer que os ventos semeados não os deixam ser acreditados.

A lástima maior é que esses maus elementos por vezes estão incursos em erros e faltas graves e aproveitam os cargos e o compadrio para encobri-los, perante a repulsa geral. Daí descontentamentos que é preciso eliminar para que todos formemos uma frente indivisível.

Compreendamos a gravidade da hora presente. Aceite abdicar quem deve e mande quem pode. O momento é de concórdia, para que haja unidade. Faça-se compreender a quem tenha gerado mal estar que a sua renúncia é um serviço à Pátria.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Monografia de entre Homem e Cávado

Concelho de Amares e Terras de Bouro

Acaba de ser editado o III Volume da Monografia de Amares e Terras de Bouro. Todas as pessoas interessadas podem desde já requisitá-las

LEIA E ASSINE O **Jornal Feminino**



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

Os perigos dos desportos subaquáticos

Afastam-se das grandes estradas, dos centros de turismo e de campismo. Enseadas de água límpida e cheias de peixes raros atraem os amantes dos desportos subaquáticos que tanto empunham o arpão como a máquina fotográfica. Neste mundo maravilhoso há, porém, perigos invisíveis. Todo aquele que se pretende dedicar a este belo desporto faria bem em conhecê-los. O especialista alemão Dr. C.D. Moslehner pronunciou recentemente uma conferência na qual chamou a atenção para os grandes perigos.

Já as tentativas de mergulhar com tubos de maior comprimento podem trazer surpresas extremamente desagradáveis. Os tubos à venda não são curtos por mero acaso. O seu comprimento obedece a determinados cálculos. A apenas 1 m de profundidade nos pulmões do mergulhador haveria uma infra-pressão relativa de cerca de 75 mm de mercúrio, pois os pulmões só receberiam da superfície da água o ar com pressão menor. Em consequência desta diferença de pressão, há um desequilíbrio no sistema circulatório e pulmonar, afluindo um excesso de sangue aos pulmões. Se este sangue retido voltará ao coração excessivamente depressa, pode-se produzir, dentro de poucos segundos, uma distensão da musculatura do coração com possíveis rupturas.

Os aparelhos de respirar não oferecem segurança completa. O investigador alemão chamou a atenção para o perigo dos chamados aparelhos de oxigénio nos quais o ar expirado passa por um tubo de cal que retém o dióxido de carbono, sendo aspirado, em seguida, com oxigénio fresco. Se o mergulhador permanecer durante um período mais longo a mais de 12 m de profundidade, põe em perigo a sua vida. Devido às massas de água, a respiração processa-se sob pressão. O organismo está acostumado à pressão ao nível da água a qual o sangue e os tecidos estão saturados de oxigénio. Se a pressão sobe acima da marca crítica de cerca de 500 mm de mercúrio, desenrolam-se no organismo processos extremamente perigosos. Os glóbulos vermelhos de sangue, que transportam o oxigénio aos tecidos e levam consigo o dióxido de carbono, são hipersaturados de oxigénio. O organismo não pode assimilar este oxigénio e uma parte regressa aos pulmões. O oxigénio passa a ocupar o espaço que normalmente cabe ao dióxido de carbono. O perigoso gás vai-se acumulando no organismo, as consequências são a intoxicação, a perda dos sentidos e, muitas ve-

zes, a morte irremediável.

Com aparelhos de pressão de ar pode-se descer, sem grande perigo, a profundidades de 50 a 60 m, caso se observem todas as prescrições e não se permaneça debaixo da água para além do período previsto. Estes aparelhos trabalham com ar normal cujo teor de oxigénio é de 21 por cento. Por uma válvula adapta-se a pressão à respectiva profundidade. No entanto este aparelho não protege contra a chamada «doença dos mergulhadores». Quanto maior a camada de água sobre o organismo, tanto maior a percentagem de nitrogénio do ar que se dissolve nos tecidos e no sangue. Se o mergulhador subia, depressa demais à superfície, o sangue não tem tempo de expelir este nitrogénio. Formam-se bolhas de nitrogénio nas veias. As consequências são frequentemente embolias, perturbações cerebrais e embolias das coronárias, com desfecho fatal.

São menos dramáticas as consequências de toucas demasiado justas e de outros dispositivos para tapar as orelhas; se a pressão do ar aspirado aumenta a maior profundidade, da-se frequentemente a ruptura dos tímpanos. Verificou-se ainda que coroas de ouro nos dentes em cujo interior podem existir quantidades mínimas de ar, causam dores pela diferença de pressão. Acontece até mesmo que as coroas se desprendem se o mergulhador sobe demasiado depressa à superfície.

FALECEU O SR.

Arcebispo Primaz de Braga

(Continuação da 1.ª página)

cilmente encontra paralelo. Graças a esses predicados a arquidiocese foi largamente enriquecida. Coração paternal, generoso e compreensivo, era um amigo do clero, que não se cansava de ajudar e atender.

O seu falecimento deu origem às maiores manifestações de pesar que viram desde as mais destacadas figuras do Governo, a todas as entidades do Distrito, até ao povo anónimo que adorava e estimava o seu venerando Arcebispo Primaz.

O funeral foi uma manifestação grandiosa em que tomaram parte, por si ou em representação, quantos desempenham cargos da maior responsabilidade. Além destes a mole imensa de povo a quem o Prelado tantos benefícios distribuiu

poucos meses após aquele estado de coisas, já andam por aí ao desbarato, atirando para a miséria o lavrador que se arrojou a semear a batata e a tratar o seu vinho, o que prova evidentemente a falta de organização e de protecção adequada.

Os clamores na Imprensa são unânimes. Os problemas do Vinho, da Batata e da Lavoura, foram esta semana tratados agrestemente no «Diário do Minho», «Comércio do Porto» e «Debate», isto sem falar noutros que nos podiam ter passado despercebidos.

Por os julgarmos do maior interesse, transcrevemos neste número e no número seguinte os artigos do «Comércio do Porto» e do «Debate».

Não transcrevemos o do «Diário do Minho» por discordarmos dele na parte em que se refere muito elogiosamente ao presidente da Comissão de V. da R. dos Vinhos Verdes, que se demitiu.

Entendemos que a obra da Comissão de V. da R. de V. Verdes não é de molde a que mereça tal apreço, pois, embora algo de bom tenha feito, o que é certo e que somos a única região do País desprotegida, abandonada, e sem tabelamento, e para tal situação, só a Comissão concorreu, a nosso vêr.

Se as restantes regiões vinhateiras do País estão protegidas por preços compatíveis, por que não está a nossa?

Embora concordemos também com o «Diário do Minho» em inalterar a medida governamental da compra de

50.000 pipas, para evitar ainda maior derrocada, até porque ela representa evidentemente um esforço grande em prol da Lavoura, temos de concordar, que, tal operação se não pode realizar sempre que necessária, e que ela, sem ser tão onerosa, teria muito mais e salutares efeitos se se enquadrasse no tabelamento que propusemos e apenas como medida drástica a suportar por um fundo de compensação que daria ao vinho estabilidade de preço e ao Lavrador a confiança necessária a um maior apego à terra. Além disto não seria necessário queimar tanto vinho bom quando é certo que ajunta N. do Vinho tem facilidade de colocar os nossos vinhos nos nossos mercados, no ultramar ou no estrangeiro.

A medida é boa, e até suficiente se pudesse faser-se sempre que necessário e a tempo e horas. Mas porque é um pesado encargo, é que entendemos que, sem deixar de lhe dar o devido valor e de inalterar o esforço do Governo, lhe auguramos uma aplicação futura, sem dispêndio e com carácter permanente enquadrada na resolução definitiva deste magno problema.

Tem o Diário do Minho razão no que se refere aos Grémios da Lavoura, organismos concelhios que deviam ilucidar, estudar e propor medidas tendentes a resolver os graves problemas que se amontoam.

Tal não acontece porque os Grémios, são, na maioria, alfobres de pessoas e dirigentes que nada produzindo numa vida incerta e vasia, ali encontraram guarida e refúgio económico e fastos de chefia. Tem razão o sr. Conde de Aurora, nas suas afirmações a este respeito.

Nem se sabe se são organismos corporativos ou económicos. Se estão enquadrados no Ministério das Cor-

porações ou da Economia.

Parece que são económicos mas fiscalizados pelo Corporativismo. Enfim, situações ambíguas e desconcertantes que deixam a bom recato faltas sem conta, que embora apontadas se não esclarecem.

O que é lamentável e como muito bem frisa o autor do artigo do «Comércio do Porto» é que este estado burocrático de inércia e de afilhados nos organismos não produz, pois não têm a mobilidade, a coesão e a vivacidade necessárias a uma actuação capaz, profícua e imediata.

Este estado de coisas, com gravíssimos reflexos na economia agrária da região, necessitam de urgente intervenção do Governo, por intermédio do Ministro da Economia, pois como já dissemos no estudo do problema dos vinhos verdes e agora com os da batata, não vemos razão de monta para que se proteja o tabelamento destes produtos, como medida de protecção e fixação do nosso lavrador, aos meios rurais, alicerçado um fundo de compensação que escuaria do mercado os excedentes e que além dos benefícios apontados para a lavoura, encaminharia para o nosso País importante soma de divisas, com a sua exportação.

Porque se não processa?

Era o que gostaríamos que nos dissessem e que fosse tratado na imprensa.

Estes problemas, do maior interesse económico nacional tem direitos próprios e necessitam ser protegidos.

Apelamos para o Senhor Ministro da Economia, cuja acção tenaz está a ser seguida com o maior interesse por todo o sector económico e da Secretaria da Agricultura no sentido que se debrucem sobre este problema de transcendente importância.

A Nossa Batata

O ano foi farto, louvores ao Senhor! E tão abundante é a colheita que os preços aí estão a descer vertiginosamente, já em plano deficitário, espalhando-se para mais uma derrocada... Sabe-se absoluta e inofismavelmente que:

a) A fartura não tocou só a nós. Infelizmente para a nossa economia rural nos restantes países europeus, produtores dos apreciados tubérculos, o mesmo fenómeno de abundância se registou.

b) Que nos outros países concorrentes, designadamente em Espanha e França, as batatas do excesso já entraram em regime de *dumping*, pelo qual os governos respectivos estão a

cobrir os diferenciais pelos seus Fundos de Abastecimento ou Compensação, a fim de as colocar em mercados externos.

Entre nós, o que se fez já ou tenciona fazer-se?...

Vamos referir um caso que directamente conhecemos e que, pela sua transcendência, merece ser levado ao conhecimento de todos. Ei-lo:

Um nosso armazenista exportador conseguiria que um importador sul-americano lhe comprasse cinco mil toneladas de batata de consumo, desde que os nossos preços não ultrapassassem aqueles, porquanto, quer em Espanha quer em França,

(Continua na 4.ª página)

Reunião de um curso

A reunião de um curso é sempre o repositório de recordações diversas em que a saudade e o entusiasmo se entrelaçam como que entre eles não houvesse, afinal, um mundo de sentimentos divergentes.

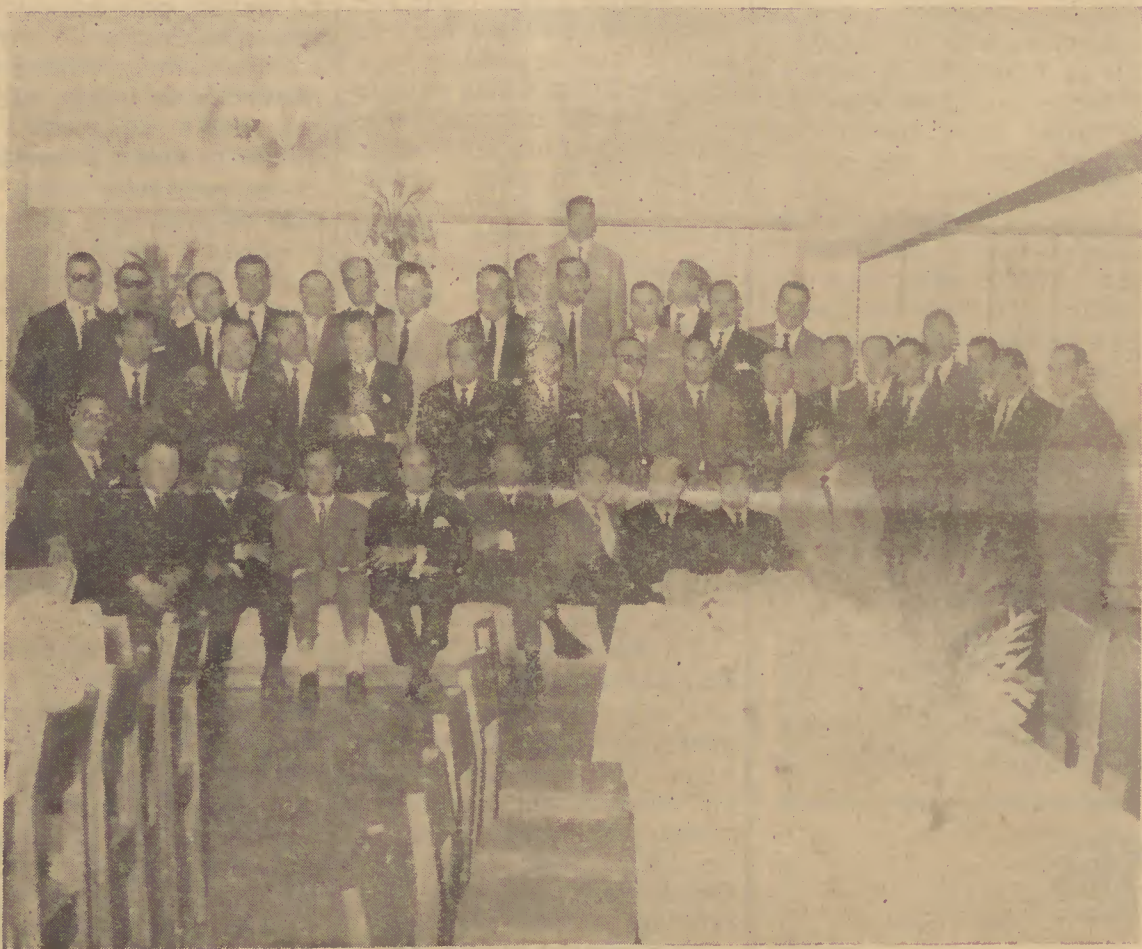
Quando essa reunião vem recordar um convívio usufruído há 20 anos, sem que os comparsas se tornassem a ver, não há dúvida que o momento do reencontro é de uma sensibilidade plena, em que os complexos humanos se chocam com espetacular sentimentalismo.

É mesmo difícil, já que queremos fugir a argumentar com o impossível, dar uma ideia, mesmo que incompleta, das emoções que se experimentam. Confessemos que estávamos longe de prever até que ponto é agradável, radiante de emoção, pleno de vida, esse momento psicológico e todos os que se lhe seguem, num desbobinar contínuo de recordações.

Despimo-nos do mundo diário que nos cerca e do sentido quotidiano que as ocupações nos trazem, deixamos de ter a exacta noção do

que somos; os pensamentos vulgares evadem-se do nosso intelecto, a alma dilata-se e o espírito amplia-se. O monótono torna-se expansivo, o tímido fluente e o comunicativo entusiasta.

Nuns rostos a recordação de um convívio íntimo, noutros a lembrança de um episódio, em alguns nem uma coisa nem outra, mas por entre tudo e todos o sentimento de uma parcela da vida em que se irmanaram no cumprimento de um dever que os impliu aos mesmos actos, ao convívio, à camaradagem.



Aqui a lembrança de uma alegria, ali a recordação de um drama, além um pensamento efêmero. É assim, é isto a reunião de um curso nos seus preliminares.

Vem isto a propósito da reunião do C. S. M. de 1943.

Volvidos 20 anos, que se completaram no dia 11 do corrente, quiseram os componentes desse curso reunir-se no Porto. Tal lapso de tempo foi suficiente para causar a maior alteração nas pessoas e na sua vida. Porém — ironia das coisas — só num aspecto essa alteração é insignificante, quando se desejava fosse grande. É que se os componentes do curso chamado às fileiras em 1942 viveram a expectativa dolorosa do País que via a sua integridade pouco segura, vieram a reunir-se, 20 anos depois, quando os seus colegas de hoje a têm de defender de violação consumada.

A confraternização, que se realizou no Restaurante Bona Chira, no Porto, terminou

com um almoço em que usaram da palavra os srs. Eng. Mário Fernandes de Sá, Dr. Terroso Gomes, Benjamim Alves da Silva, Belarmino Gonçalves Patrão, Valdemar da Silva, Eng. Joaquim Castro Rocha e Eng. Mário de Aguiar.

A Comissão organizadora foram dirigidos os maiores encômios, bem merecidos, pe-

la maneira metódica como tratou de tudo e ainda por tornar possível a dita reunião.

Foram lembrados, com desvanecimento, os professores do curso que atingiram postos no generalato e nos mais elevados graus da hierarquia militar e os colegas que continuam a servir nas fileiras do exército.

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)

Visado pela C. de Censura

Rompimento entre oposicionistas portugueses residentes no Brasil

A cisão que se produziu no seio dos emigrantes portugueses anti-salazaristas no Brasil, teve como motivo o problema dos territórios ultramarinos. Numa assembleia tumultuosa realizada na sede do jornal «Oposição Portuguesa», deu-se o rompimento completo e violento entre o «Movimento Nacional Independente», e a «Associação Humberto Delgado». Por paradoxo estranho, foi na Associação que tem o seu nome, que Humberto Delgado ficou em minoria.

O incidente que deitou fogo à pólvora, foi o envio, por Luís Carvalho, presidente da «Associação Humberto Delgado», de uma carta de agradecimento a Danton Jobim, director do «Diário Carioca».

Este, em fundo publicado no domingo passado, deplorou o voto do Brasil contra Portugal, no Conselho de Segurança da O. N. U. «Por

que insiste o Brasil em reclamar a independência dos territórios luso-africanos?» — perguntava Jobim, entendendo que as reivindicações nacionais de Angola, por exemplo, têm falta de consciência e convidando a chancelaria brasileira a adoptar uma atitude de conciliação.

A carta de Luís Carvalho foi condenada, como evasiva, de «espírito colonialista». Delgado reprovou claramente o presidente da Associação que tem o seu nome. A assembleia geral abriu no sábado, numa atmosfera de grande nervosismo. O general Delgado atacou pessoalmente Luís Carvalho e houve pancadaria. Por fim, três membros do directório da Associação solidarizaram-se com Carvalho e acusaram Delgado de «agressão». Delcidaram expulsá-lo. Quanto a Delgado, proclamou a sua adesão ao «Movimento Nacional Independente».

Tribuna Desportiva

Com os olhos em Portugal e... no Benfica

O Benfica ganhou todos os jogos já disputados até agora do campeonato não-europeu sul-africano de futebol — primeira divisão.

Trata-se do «Benfica Football Club», que tem a sua sede na cidade de Alberton, a cerca de 10 quilómetros de Joanesburgo. Fundado em 1959, este clube, exclusivamente constituído por negros de Moçambique, trabalhadores das minas, tem o mesmo equipamento do Benfica «Grande» — camisas encarnadas, calções brancos — e participa com equipas suas nas três categorias do campeonato não-europeu da África do Sul.

Entrevistados para a ANI, o presidente do Benfica sul-africano, Vick Kubeka, e os seus dois treinadores, Paul Ngweny e Lesley Rachebe, exprimiram o desejo de entrarem em relações com o Benfica «Grande» e de terem na sua sede — diariamente frequentada por centenas de sócios — uma bandeira do clube campeão de Portugal e uma fotografia a cores da respectiva equipa, afim de ser colocada em lugar de honra.

Gostariam também de receber do Benfica «Grande» publicações — nomeadamente revistas ilustradas — e distintivos.

«Nós, os pretos de Moçam-

Coluna e Eusébio na selecção do Mundo

Ao passar por Lisboa no último Domingo, dia 17, Raula ex-treinador do Benfica que foi escolhido para orientar a selecção que jogará contra a Inglaterra no próximo dia 23 do Outubro, disse que Coluna e Eusébio estavam presentes, e que ambos encontram plenamente ao nível dos melhores jogadores do mundo, pois se não o fossem não poderiam figurar na equipa em formação.

O Benfica já tem Treinador

O Benfica que pensou em Bela Guttmann para orientar as suas equipas principais acaba agora de contratar o novo treinador também de origem húngara, para substituir Riera.

Que seja feliz na aquisição são os nossos votos, para o Benfica continue a honrar Portugal além fronteiras ganhando mais uma vez a Taça da Europa a que nós estamos habituados.

bique, vivemos aqui — deu Kubeka — com os olhos postos em Portugal e nós, sócios do Benfica Football Club de Alberton, com os olhos postos no Benfica de Lisboa.»